

“O Chega cresce também por causa da crise do jornalismo”

Miguel Carvalho, jornalista

Desde que o Chega surgiu no panorama político português que o seu crescimento tem sido bastante significativo. Passaram-se cinco anos e o partido de direita radical é a terceira força política no parlamento português. Nas eleições legislativas de 2022, o Chega conseguiu 7,18% dos votos. Para as próximas eleições, a 10 de março, André Ventura afirmou, na VI Convenção do Chega, que o partido "vem para vencer estas eleições".

Com um crescimento tão repentino e marcante, o escrutínio e a investigação tornam-se imprescindíveis. Miguel Carvalho, jornalista freelancer, foi grande repórter da Revista Visão durante mais de 23 anos. A Visão foi o meio que lhe deu a oportunidade, “tempo, espaço e dinheiro para poder investigar a fundo”. Miguel chegou a passar três meses a conhecer militantes e dirigentes e a “conhecer aquela realidade”. “Ir a um congresso fazer a cobertura, não basta”, explica.

Miguel sente-se um “privilegiado” pela oportunidade e tem consciência de que “o Chega cresce também por causa da crise do jornalismo”. “Um jornalismo frágil não pode escrutinar: um jornalismo de declarações e contradeciações, um jornalismo que não aprofunda, um jornalismo que não faz um esforço, nem tem meios, dá ao Chega um protagonismo pelas piores razões”.

Conhecer as pessoas que fazem parte do partido é, para o jornalista, indispensável para investigar o Chega: “Só assim se tem conhecimento de todas as contradições e vícios que ali estão.”

Entender os braços que remam o partido permite também perceber que “definir o Chega como extrema-direita é, até do ponto de vista jornalístico, um risco grave e um erro”. “Estamos a estigmatizar eleitores que estão no Chega por diversíssimas razões e muitos deles não são, nunca foram fascistas, nem têm saudades do antigo regime”. Miguel Carvalho conta que conhece militantes que tiveram um percurso sindical, um percurso na CGTP, ou até uma candidatura autárquica pelo Bloco de Esquerda ou pelo CDU.

O Chega “não deve ter um escrutínio especial”. Miguel Carvalho explica que, se tivesse sido feito um trabalho ao longo de anos com os partidos tradicionais, “se calhar não haveria Chega”. “Se tivéssemos ido ao fundo das questões para perceber onde é que o Estado falhou, se calhar estaríamos a discutir o Chega de outra forma, ou então o Chega nem sequer existia”. “Foram falhanços dos outros partidos que nos trouxeram aqui”, acrescenta.